

O Círio de Nazaré e seu valor simbólico na formação e manutenção da identidade regional paraense

The “Círio de Nazaré” and its symbolic value in the formation and maintenance of the regional identity of the state of Pará

Wellington da Silva Conceição¹
Welsc25@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste texto é mostrar como uma festa religiosa, o Círio de Nazaré em Belém do Pará, tem a função simbólica de ser o grande signo de identidade paraense (e aos poucos, vai se tornando também da região Amazônica como um todo) tanto para os seus cidadãos (incluindo o próprio estado) como para aqueles que possuem uma outra pertença regional ou nacional. Para isso, começo apresentando, a partir dos grandes autores que pensaram sobre o assunto, o que é nação e como esta se forma. Depois, dialogo com as teorias sobre os regionalismos e as regiões, que se formam a exemplo e a partir dos nacionalismos. Por fim, procuro mostrar como o sentimento regional paraense se manifesta na festa do Círio de Nazaré e como essa festa religiosa se torna um ponto chave dessa identidade regional.

Palavras-chaves: Belém do Pará, Círio de Nazaré, identidade nacional, identidade regional, religiosidade popular

Abstract

The purpose of this text is to demonstrate how a religious celebration, the “Círio de Nazaré” (Candle of Nazaré) in Belém do Pará, has the symbolic function of being the great identity sign of the population of Pará (and it is slowly becoming the same for the Amazonas region, as a whole) both for the citizens (including the state) and also for others of different origins or nations. For this purpose, I commence by reviewing in accordance with important authors who studied this subject in depth, the concept of nation and how it is formed. Subsequently, I review the theories of regionalism and regions, which are formed as an example and departing from the nationalism. Finally, I try to demonstrate how the regional feeling from the state of Pará inhabitants is manifested in the celebration of the “Círio de Nazaré” and how this religious festivity becomes a key symbol of this regional identity.

Key-words: Belém do Pará, Círio de Nazaré; national identity, regional identity, popular religiousness

¹ Bacharel em Filosofia e Ciências Sociais. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (FEBF-UERJ), doutorando em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ). Pesquisador Associado do Laboratório de Etnografia Metropolitano/LeMetro/IFCS-UFRJ.

Introdução

Tomo como ponto de partida para esta minha reflexão a tese defendida por vários grandes pensadores (Anderson; Bourdieu; Guibernau) de que as identidades regionais, assim como as identidades nacionais e étnicas, são inventadas (na sua grande maioria, a partir do século XVIII) visando criar um vínculo de unidade em um determinado espaço ou grupo que, por motivos particulares, passa a acreditar na necessidade de que todos se sintam irmanados. Para que essa unidade seja justificada, há uma incessante busca por elementos comuns, sejam estes físicos e naturais (quando se trata de delimitar um território), comportamentais ou simbólicos.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é mostrar como uma festa religiosa, o Círio de Nazaré em Belém do Pará, exerce a função simbólica de ser a mais importante *representação objetiva*² da identidade paraense (e aos poucos, vai se tornando também da região Amazônica como um todo) tanto para os seus cidadãos (incluindo o próprio estado) como para outras sociedades. Para isso, começo apresentando, a partir dos grandes autores que pensaram sobre o assunto, o que é nação e como esta se forma. Depois, trago para a discussão as teorias sobre os regionalismos e as regiões, que se formam a exemplo e a partir dos nacionalismos. Por fim, faço uma análise de como o sentimento regional paraense se manifesta na festa do Círio de Nazaré e como essa festa religiosa se torna em um ponto chave dessa identidade regional.

Nação e nacionalismo

A partir do século XVIII, ocorreu uma série de transformações nas diferentes estruturas sociais do Ocidente. Nesse novo contexto, marcado pelo fim das dinastias; a queda da estrutura local do feudalismo e a secularização e tomada de independência ante ao discurso religioso (Cf. Andersen, 1989); sentimentos de pertencas locais foram dando lugar ao sentimento de pertença nacional ou regional. Surgia assim, um

(...) conjunto de regras anônimas que passa a reger as práticas e os discursos no ocidente desde o final do século XVIII e que impunha aos homens a necessidade de se ter uma nação, de superar suas vinculações localistas, de se identificarem com um espaço, com um território imaginário delimitado por fronteiras instituídas historicamente, por meio de guerras ou convenções, ou mesmo, artificialmente. Este dispositivo faz vir à tona a procura de

² Bourdieu, 2007, p. 112.

signos, de símbolos, que preencham esta idéia de nação, que a tornam visível, que a traduzam para todo o povo (Albuquerque Júnior, p. 48).

Esta comunidade - a nação – , foi “inventada” nesse contexto histórico e social, e surge já como artificial e imaginada. É artificial por que é criada com um sentimento de eternidade (como se esse sentimento tivesse sempre existido – “*o nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem*”, assim diz Anderson, 1989, p. 14 - citando Gellner). Ela é “imaginada” pois, segundo Anderson, “*nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão*” (Anderson, 1989, p. 14).

A partir do momento em que a nação foi sendo “inventada”, desenvolveu-se também uma identidade comum a um grupo que até então não a tinha; permitiu também que fossem irmanadas e igualadas (de certa forma) entre si pessoas muito diferentes, e que pudessem esperar uns dos outros um sentimento específico de solidariedade e reconhecimento. Assim afirma Guibernau, partindo do pensamento de Weber:

O conceito de ‘nação’ significa acima de tudo, sem dúvida, que se pode esperar de certos grupos de indivíduos um sentimento específico de solidariedade diante de outros grupos. Para Weber... a solidariedade pode estar ligada a lembranças de um destino político comum. (Guibernau, 1997, p. 41).

Com essa solidariedade e identificação, também foi se desenvolvendo junto um sentimento de diferenciação diante das outras nações, manifestado principalmente pelo que Weber chama de “interesses de prestígio” (cf. Guibernau, 1997, p. 41), ou seja, um processo onde os nacionais criam uma sensação de superioridade diante dos outros e onde aprendem a identificar e nomear as coisas que são específicas da sua nação, mesmo que essas informações não se constituam em realidades objetivas³, destacando o quanto os mesmos são peculiares e geradoras de um orgulho.

³É importante ressaltar o que diz Bordieu sobre o assunto: “Cada um está de acordo em notar que as ‘regiões’ delimitadas em função dos diferentes critérios concebíveis (língua, *habitat*, tamanho da terra, etc.) nunca coincidem perfeitamente.As classificações mais ‘naturais’ apóiam-se em características que nada têm de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior das relações de forças no campo das lutas pela delimitação legítima” (Bourdieu, 2007, p. 115).

O nacionalismo, os sentimentos e as representações criados em torno dele podem ser reproduzidos de forma semelhante nas regiões. Chacon, baseado nas teorias de Gellner, chegou a defender que na região nordeste do Brasil poderia se identificar um nacionalismo em favor da mesma (Chacon, 1981, p. 40). Assim, procurarei mostrar como no Brasil o nacionalismo foi o grande ímpeto que despertou sentimentos regionalistas e como funciona a estrutura do regionalismo (semelhante a do nacionalismo).

A busca de uma identidade regional

Apesar de fazer parte de um processo que se inicia antes desse momento, o desenvolvimento de uma identidade nacional brasileira ganhou grande importância no início do séc. XX, quando movimentos culturais e intelectuais passaram a rejeitar a prática de reproduzir uma cultura europeia e partiram em busca da construção do que seria tipicamente brasileiro.

Nessa configuração, o Sul (principalmente Rio de Janeiro e São Paulo) procurava eleger seus aspectos regionais como modelos do que deveria ser visto como nacional, em oposição aos da região Norte, visto como inferiores. Como o centro da vida política e social do país até então era o Sul, a discriminação contra a região Norte e seus elementos tinha força na constituição dessa identidade nacional:

O Norte estaria condenado pelo clima e pela raça à decadência. Discursos partidos de ambos os espaços explicavam assim o atraso do país e reivindicavam a ‘realização providencial de injeção concentrada de sangue restaurador europeu, já que o nortista era geralmente pequeno e descarnado, com tendência a fixação do esqueleto defeituosa, sobretudo na ossatura torácica, cervical e craniana e tendendo a envelhecer precocemente. (Albuquerque Júnior, 1998, p. 58)

O regionalismo paulista se configura, pois como um ‘regionalismo de superioridade’, que se sustenta no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de sua ascendência européia e branca. (Albuquerque Júnior, 1998, p. 45)

Assim, “O ‘Norte’ é o exemplo do que o ‘Sul’ não deveria ser. É o modelo contra o qual se elabora ‘a imagem civilizada do Sul’” (Albuquerque Júnior, 1998, p. 61). E essa estigmatização do Norte do Brasil na busca de uma identidade nacional que

suprimisse as diferenças provocou como reação de defesa a construção de um regionalismo, que procurava se afirmar em contraposição a ideia da sua rejeição nessa identidade. Esse movimento de criação da identidade nacional consegue vingar, porém, esta mesma identidade apresenta-se como fragmentada e cheia de regionalismos, que se manifestam com força e são visíveis.

Para Bourdieu, somente assim podem ser dar os regionalismos, quando esses se encontram em oposição ao centro e por ele são estigmatizados, sendo a região obrigada então a fazer um discurso de afirmação e defesa:

O discurso regionalista é um discurso *performativo*, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora (Bourdieu, 2007, p. 116).

Se a região não existisse como espaço estigmatizado, como ‘província’ definida pela distância econômica e social (e não geográfica) em relação ao ‘centro’, quer dizer, pela privação do capital (material e simbólico) que a capital concentra, não teria que reivindicar a existência: é porque existe como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica que alguns dos que nela participam podem ser levados a lutar (e com probabilidades objectivas de sucesso e de ganho) para alterarem a sua definição, para inverterem o sentido e o valor das características estigmatizadas, e que a revolta contra a dominação em todos os seus aspectos – até mesmo econômicos – assume a forma da reivindicação regionalista. (Bourdieu, 2007, p. 127)

Sabendo como surgiram as regiões e os regionalismos brasileiros como as temos hoje, gostaríamos de explicitar melhor o que são esses conceitos e como se assemelham, de certo modo, a sentimentos nacionalistas. A definição de Albuquerque Júnior diz que “*Cada região é esse conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos, que foram agrupados em torno de um espaço, de uma idéia inicialmente abstrata da região*” (Albuquerque Júnior, 1999, p.101), e a de Bourdieu que:

A regio e as suas fronteiras (fines) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz fines), em impor a definição (outro sentido de finis) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de di-visão legítima do mundo social (Bourdieu, 2007, p. 114).

Ambas as definições comprovam que a formação de uma região e do seu consequente regionalismo se dá da mesma forma que a da nação: artificial e imaginada. Porém a criação da região (também da nação) não se dá de forma arbitrária e imposta, ela é aceita por todos quando elementos ou comportamentos já existentes são incorporados a esse discurso e assumem o posto de características regionais, sendo legitimadores dessa identidade regional e ao mesmo tempo legitimados por ela. Bourdieu, falando sobre o processo de objetivação desse discurso regionalista, afirma que:

O efeito do conhecimento que o fato da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discursos, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades. (Bourdieu, 2007, p. 117)

Enfim, o que está em jogo, na formação de nacionalismos e regionalismos é a construção e o reconhecimento de uma identidade e, como parte desse reconhecimento, o estabelecimento de divisões e fronteiras, que marquem a sua distinção. Como afirma Bourdieu, o que

está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõe ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (Bourdieu, 2007, p.113).

Diante de tudo o que apresentei até então, procuro agora argumentar como o regionalismo paraense tem, na festa do Círio de Nazaré, um elemento forte de sua manifestação.

O Círio como expressão de uma identidade Paraense

Para compreender o que é o Círio de Nazaré, uma comparação com qualquer festa religiosa no Brasil ou no mundo torna-se insuficiente. Diferente das festas de São Sebastião, no Rio de Janeiro, ou do Senhor do Bonfim, em Salvador (que são festas de

grande porte, que arrastam multidões), a festa do Círio afeta todo o estado do Pará, mobiliza todas as forças em torno desse evento, constituindo-se naquilo que Marcel Mauss chamou de *fato social total*⁴. Inclusive, quando o Círio de Nazaré é comparado com alguma outra mobilização social, é com outros *atos sociais totais*: é apelidado de “Natal Paraense” e “Carnaval devoto” (Alves, 2004). Abaixo, há um resumo do que acontece no Pará durante o período do Círio, que dura aproximadamente 15 dias⁵:

Os jornais locais fazem edições especiais com cadernos inteiros dedicados exclusivamente ao evento e imprimem e distribuem pôsteres coloridos com a imagem de N. Sra. de Nazaré. Nestas edições são reproduzidas mensagens do governador, do prefeito, do arcebispo e de diversas associações, que aproveitam o momento para vincular sua imagem à festa. Toda a publicidade local gira em torno do acontecimento. O nome da santa e o fato de ser aquele um dia especial são constantemente lembrados. Todos os que falam sobre o Círio dizem que o dia da procissão é ‘*o maior dia dos paraenses*’. (Amaral, 1998, p. 251)

Para entender melhor o Círio, vejamos a origem dessa festa. A devoção a Virgem de Nazaré no Pará nasce em 1700 com a descoberta da imagem perdida entre pedras de um riacho por um caboclo chamado Plácido. A devoção a esta imagem encontrada vai se desenvolvendo e trazendo cada vez mais devotos para a região. Em 1790, a devoção passa a ser permitida oficialmente pela Igreja e logo após acontece o primeiro Círio, acompanhado pelo próprio governador da região que, na véspera (conta a história), teria sido curado de uma doença pela Virgem. De lá pra cá, a devoção continuou se desenvolvendo, ganhando novos elementos (como a corda, que aparece no séc. XIX como um instrumento para desatolar a berlinda da imagem de um lamaçal) que tornaram o rito cada vez mais rico e mais complexo, até se tornar o maior evento católico do mundo. Hoje, após muitas mudanças de data nesses mais de 200 anos de acontecimento, o evento celebra-se no segundo domingo de Outubro.

Quando se questiona o motivo do Círio de Nazaré ter tanta aceitação entre os paraenses, podemos dizer que é pelo fato dessa devoção e festa expressar a identidade deste povo com muita força. Como o Círio expressa essa identidade? A sua própria

⁴Segundo Rita Amaral, “a festa do Círio é um fato social total, no mais pleno sentido, pois mobiliza todas as instituições sociais da cidade e é possível notar que a festa move e transforma não apenas os espíritos humanos mas também a sociedade e a economia” (Amaral, 1998, p. 268).

⁵ Essa estrutura apresentada no próximo parágrafo corresponde perfeitamente as impressões que tive quando, em Outubro de 2007, passei 10 dias em Belém do Pará para acompanhar o Círio de Nazaré e fazer trabalho de campo sobre esta festa.

história nos fornece elementos para uma análise: A figura do cabloco Plácido (mestiço de índio com branco – os grupos que construíram a região) é uma síntese do que é o próprio Pará. Fora que, a forma de viver a devoção a Virgem de Nazaré (uma devoção típica portuguesa, já existente na região antes do próprio achado da imagem) foram acrescentados muitos elementos da cultura local, principalmente indígena. A própria festa também assimilou elementos que ficaram conhecidos como próprio dos Paraenses e nortistas: Durante os dias do Círio, a cada esquina se encontra barracas que vendem as comidas típicas da região como Tacacá, Maniçoba e Açaí. Além disso, o almoço típico do domingo de Círio (que nos lembra a ceia de natal) é o Pato ao Tucupi, receita típica da região. Assim, a Festa de Nazaré constitui, segundo Alves:

Um marco do que culturalmente é importante para um modo de vida regional. A atualização do mito, além de ressaltar esses padrões, põe em destaque as instâncias de identificação regional: a Festa de Nazaré é uma festa dos paraenses, intrinsecamente regional, e assim é percebida e realizada. Reflete os desejos e anseios de uma população que se orgulha do compartilhamento de valores comuns, sejam eles efetivos, desejados ou idealizados, essencializados na condição humilde daquele que achou a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, “pobre e mestiço (Moreira, 1971, p.13) e seus continuadores. (Alves, 2004, p. 322).

Assim, podemos dizer que *“o sentido de representação do Círio é, portanto, invocar a história, os costumes religiosos, os milagres da santa, reforçando ainda a identidade regional e os laços comunitários ao se apresentar como a festa maior dos paraenses”* (Amaral, 1998, p. 270). E, baseando-se no que diz Anderson, de que *“o nacionalismo deve ser compreendido pondo-o lado a lado, não com ideologias políticas abraçadas conscientemente, mas com os sistemas culturais amplos que o precederam, a partir dos quais – bem como contra os quais – passaram a existir”* (Anderson, 1989, p.20), podemos dizer que esse sentimento de identidade regional paraense tem no Círio de Nazaré um dos principais elementos desse sistema cultural amplo que o precedeu e que permite também lembrar e tornar vivo outros elementos regionais, como a culinária regional, conforme citada anteriormente.

É preciso ressaltar ainda que o Círio, como principal manifestação da identidade paraense, traz muita visibilidade para a mesma. É noticiado no mundo inteiro devido a sua proporção e seu tamanho. Faz o papel de oficializar essa identidade, pois segundo Bourdieu,

a oficialização tem a sua completa realização na *manifestação*, acto tipicamente mágico (o que não quer dizer desprovido de eficácia) pelo qual o grupo prático, virtual, ignorado, negado, se torna visível, manifesto, para os outros grupos e *para ele próprio*, atestando assim a sua existência como grupo conhecido e reconhecido, que aspira a institucionalização. O mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto. (Boudieu, 2007, p.118)

Assim, as forças estatais paraenses, com grande interesse de manter viva e fortalecida essa identidade⁶, dão cada vez mais legitimidade à festa, seja criando estruturas para que a mesma aconteça em harmonia, seja reconhecendo sua importância como elemento que torna visível, para os paraenses e para os que são de fora da região, a identidade do estado. Em nome disso, o Estado do Pará, na prática, é católico, contrariando o princípio de que os estados brasileiros não podem ser confessionais. Dizemos que é na “prática” observando as atitudes realizadas pelos órgãos do poder estatal, no que diz respeito à festa. Não são apenas práticas que garantem o bom funcionamento de um evento de grandes proporções: São práticas devotas, ou pretensamente devotas.

Eis alguns casos interessantes de serem analisados para comprovar o que afirmei. Em 1997, foi criada a *Romaria dos Deputados*, realizada durante as comemorações que antecedem o Círio, no dia anterior ao dia da festa. Há também no mês de Setembro, uma visita da imagem de N.S. de Nazaré a todos os gabinetes da Assembleia legislativa, onde ela abençoa o local de trabalho de cada deputado. Outro exemplo da rendição do poder público à festa é quando, na sexta-feira que antecede o Círio, a imagem de N. S. de Nazaré é recebida, logo quando chega da romaria fluvial, com honras de Chefe de Estado, pela Polícia Militar (ocasião que se repete desde 1999). Além da polícia estão presentes para prestar homenagens (assim como em quase todos os momentos fortes da festa) o governador e os prefeitos das cidades por onde passam as diferentes procissões do Círio (rodoviária, motoviária, fluvial etc). Essa recepção de “rainha” segue orientações de uma Lei Estadual, a nº 4.371 (de 15 de dezembro de

⁶ Os estados e as nações têm uma relação muito estreita. Um serve para legitimar o outro. Para Weber, a nação só se manifesta de forma adequada em um estado e esse tem como grande função a defesa de interesses nacionais (Cf. Guibernau, 1997, p. 42). Podemos dizer que assim também se dão os regionalismos: as instituições responsáveis pela circunscrição ao qual pertence a região defendem os regionalismos pela capacidade dos mesmos de criar unidade e de manter o grupo coeso. Defender o regionalismo é defender o próprio estado de campanhas separatistas ou coisas parecidas.

1971), que proclamou a Virgem de Nazaré, “Padroeira do Pará, Rainha da Amazônia e merecedora dessa homenagem”.

Durante a festa, os poderes públicos, cada qual ao seu modo, fazem campanhas publicitárias institucionais baseadas no Círio e os seus representantes não cessam de dar declarações de louvor e incentivo à festa⁷. Marcou-me ver, no telejornal local, a entrevista da governadora Ana Júlia (em Outubro de 2007), dizendo que esse era o primeiro Círio com uma “mulher no governo” e fazendo alusão da importância dessa grande mulher (a Virgem de Nazaré) para o povo paraense. Neste mesmo ano, o governo do estado do Pará também vinculou uma campanha institucional intitulada “Pará de todas as Marias”, onde, após apresentar as diferentes “Marias” do estado do Pará (utilizando-se de cenas cotidianas das mulheres da região), encerrava a propaganda com a imagem da Virgem, deixando implícita a conclusão de que é ela o símbolo e o modelo de todas as mulheres paraenses.

Conclusão

Símbolos como bandeiras, hinos e outro mais, quando bem aceitos e incorporados, são elementos com força na hora de afirmar ou reconhecer uma identidade nacional. Da mesma forma, a imagem da Virgem de Nazaré e toda a festa que se criou em torno dela tem a função de *representações objetais* (Bourdieu 2007, p. 112) da identidade paraense, e emergem com grande força na hora de manifestar essa identidade e todo o discurso desenvolvido em torno dela.

Essa identidade, por causa da estigmatização que sofre pelo dito “centro”, precisa sempre ser reafirmada e visibilizada. A festa do Círio, pela sua grandeza, é o momento auge da publicização do Pará e da sua identidade regional. E pensando nos termos de Bourdieu, que defende que toda oficialização se dá por uma manifestação, seria essa festa a principal manifestação social que oficializa essa identidade. A intenção desse texto foi mostrar como se dá esse processo.

⁷Amaral, destaca que, no período da festa, “são reproduzidas mensagens do governador, do prefeito, do arcebispo e de diversas associações, que aproveitam o momento para vincular sua imagem à festa” (Amaral, 1998, p. 251). A festa é amplamente divulgada pelos meios de comunicação (com destaque para os sites de internet) do governo do Estado e da prefeitura de Belém.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. In: *Estudos avançados*, n. 19 (54), São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. *Carnaval devoto: Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis, vozes, 1980.

AMARAL, Rita C.M.P. *Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – USP, São Paulo, 1998., 1998.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHACON, Vamireh. Ernest Gellner e o nacionalismo. In: VVAA. *Gellner na UNB*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LOPES, José Rogério. Círio de Nazaré: Agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica. In: *Religião & sociedade*, Rio de Janeiro, n. 31 (1), 2011.